

XII Jornal da Rede GESITI

GESITI



Ministério da
Ciência e Tecnologia



Editado pela Rede GESITI DTSD/CTI criado em 18.fev.2008, +1200 colaboradores

ANO 2 – número XII maio_junho.2009- www.cti.gov.br Brasil

“CTI Informa”: http://www.cti.gov.br/cti_informa/cti_informa.htm

Editorial

Caros amigos esta edição do Jornal da Rede GESITI traz as análises dos membros da rede sobre questões do capitalismo e posturas científicas, crise, ética, proteção do trabalhador, automação. Desejamos que todos possam refletir, apreender, desaprender e construir de forma contínua grandes passos para o crescimento sustentável da tecnologia em nosso planeta Terra. A integração com as publicações anteriores do Jornal da REDE GESITI é parte indissociável deste aprendizado contínuo..

Ótima Leitura!

Sumário

Tema 1: Egos e Capitalismo

I Harmonia por Liliana Peixinho.....	1
II Más lideranças por Ricardo Yoshikawa.....	1
III Melhora na prática por Jarlei Nascimento.....	2
IV Interpretação e contexto por José Rios.....	2
V Harmonia como valor por Liliana Peixinho.....	2

Tema 2: Crise

I Ética por Boris Hermanson.....	3
II Redução de despesas por Luiz A.S. Silva.....	3
III Proteção e automação por Luiz A.S.Silva.....	4
IV Ciclos de Vida por Alexandre Aguiar.....	5
V Emprego por Sidnei Feliciano.....	6
VI Sobrevivência por Carlos A. Purin.....	6

Tema 3: Produtividade

I Abismo e sobrevivência por Sandro Cantidio.....	6
II Desempregados por Paulo de Resende.....	7
III Apertando os cintos por Marlene Carnivale.....	8
IV Capacitação por Normam Kalmus.....	8
V Competência por Valimij.....	8
VI Suspensão temporária por Boris	8
VII Institucionalização por Paulo Resende.....	9

Tema 4: Oportunidade

I Crescimento por Alfredo Larozinski.....	9
II Desenvolvimento.....	9
III Novas Tecnologias	10
IV Confiança.....	10
V Aplicação Prática.....	11
VI Cultura.....	11
VII Mercado de Trabalho.....	12

Tema V - Geral.....	13
---------------------	----

Colaboradores Institucionais.....	19
-----------------------------------	----

Tema 1.I: Sobre Egos e Capitalismo – Harmonia

Prezados Rios e Raoni: imagino que a discussão poderia ser rica e civilizada. Penso que as redes não precisam ser ambientes massageadores de egos e sim de abertura para o acolhimento de informações, e toda a subjetividade que ela possam se caracterizar, para horizontalizarmos direções diversas em nome da construção da cidadania sustentável. **Nenhum saber** histórico, acadêmico ou científico terá valor se não for aplicado em nome de mudanças que possam harmonizar as diferenças, nas relações, preferencialmente, civilizadas, humildes, elegantes e sendo assim, importantes para a construção de novos paradigmas.

Liliana Peixinho

lilianapeixinho@yahoo.com.br

Tema 1.II: Sobre Egos e Capitalismo – Más lideranças

Prezada Liliana: como ambientalista, foi muito bom você brevar o ego de algumas pessoas que "impõem" conhecimentos teóricos, quando o que vale mesmo é a prática que defende o espaço salutar inibindo o surgimento de quem quer aparecer. As más lideranças é que acumulam capital e destroem a ecologia, não só ambiental como também a comportamental (ver texto acima da edição anterior XI).

Ricardo Yoshikawa

ricardoyoshikawa@yahoo.com.br

XII Jornal da Rede GESITI

GESITI



Centro de
Tecnologia da
Informação
Renato Archer

Ministério da
Ciência e Tecnologia



Editado pela Rede GESITI DTSD/CTI criado em 18.fev.2008, +1200 colaboradores

ANO 2 – número XII maio_junho.2009- www.cti.gov.br Brasil

“CTI Informa”: http://www.cti.gov.br/cti_informa/cti_informa.htm

Tema 1.III: Sobre Egos e Capitalismo – Melhora na prática

Ricardo e Liliana: Este é um grupo onde encontramos discussões e comentários muito relevantes, uma ótima troca de idéias. Porém quando falta a educação, mesmo com tantos títulos pessoais, a teoria se perde. No meu entender, nunca deveríamos esquecer que a teoria só vale a pena quando melhora na prática a vida das pessoas, portanto é para as pessoas. Desta forma, precisamos sempre tentar tratar bem a todos, pois senão, será contrário ao que estamos pregando - melhoria para a sociedade. Espero que continuemos no caminho da boa discussão. Grande abraço

Jarlei Nascimento
jarlein@hotmail.com

Tema 1.IV: Sobre Egos e Capitalismo – Interpretação e contexto

Liliana: Faço minhas suas palavras. Segundo Popper uma observação científica deve ser neutra, assim como seu observador: o cientista. Isto posto, numa discussão científica de alto nível, só brigam as idéias, os egos ficam em seus devidos lugares.

Meu estilo prevê a completa leitura de um texto e a sua interpretação dentro do contexto em que cada palavra é citada antes de reproduzi-la para evitar distorcê-las. Assim sendo, bostejo (bostejar v. talk nonsense) no ITA tem seu valor semântico diferente daquele fora de seu contexto ou do senso comum. SDS

José Rios
jadrios@uol.com.br

PS.: a acumulação de capital existe desde o início da humanidade.

Tema 1.V: Sobre Egos e Capitalismo – Harmonia como valor

Prezado Jarlei: Obrigada por corroborar com este valor. Acho interessante que reforçemos esse caráter de civilidade, necessário aqui em nossas discussões. Estou vindo para somar nessa harmonia. Saudações harmoniosas. Liliana Peixinho

Tema 2.I: Crise: Ética

www.amigodomeioambiente.com.br

Prezados amigos, segue abaixo artigo para reflexão do grupo sobre o quanto da atual crise foi gerado pela falta de ética profissional de alguns CEOs de grandes empresas e instituições financeiras mundiais.

O que é ética? Ética, numa definição bem singela, é todo comportamento bom, benéfico, moralmente correto, que resulta em benefícios para as pessoas e para a sociedade como um todo. A ética deveria estar presente em todos os aspectos de nossas vidas, seja no âmbito familiar, pessoal, profissional e mesmo no meio econômico. A atual crise financeira mundial trouxe consigo grandes lições, e uma delas é a importância do comportamento ético no mercado financeiro. Parte dos motivos que geraram a atual crise financeira reside na venda supervalorizada de imóveis nos Estados Unidos da América do Norte, e a transformação dos títulos que representavam tais dívidas, a saber, as hipotecas, em derivativos que foram por assim dizer comercializados no mundo todo.

Se o valor dos imóveis estava supervalorizado, era certo que os devedores teriam problemas em manter em dia os seus respectivos pagamentos. Isto, por si só já seria um indicativo da falta de segurança das operações envolvendo tais derivativos. Mas por qual motivo o mercado aceitou sem maiores questionamentos a negociação de tais títulos? Bem, um dos motivos foi que a negociação de tais títulos trouxe um aumento artificial nos resultados dos balanços de grandes empresas e, como os prêmios pagos aos altos executivos dessas empresas incidiam sobre os resultados dos balanços de suas empresas, esses altos executivos viram nessas negociações uma oportunidade de aumentar seus rendimentos. Assim, o mercado internacional acabou "comprando gato por lebre", ou seja, aceitando títulos com recebimentos duvidosos baseados numa falsa segurança transmitida por um grupo de altos executivos. Desta forma, a falta de ética profissional de tais executivos acabou afetando não só a situação de suas empresas, mas o do mercado internacional, com graves reflexos nas economias de todos os países.

XII Jornal da Rede GESITI

GESITI



Ministério da
Ciência e Tecnologia



Editado pela Rede GESITI DTSD/CTI criado em 18.fev.2008, +1200 colaboradores

ANO 2 – número XII maio_junho.2009- www.cti.gov.br Brasil

“CTI Informa”: http://www.cti.gov.br/cti_informa/cti_informa.htm

É claro que outros fatores também colaboraram para o agravamento de tal crise, mas tornou-se inegável a importância do comportamento ético nas empresas, em especial por parte de certos altos executivos, também conhecidos nos mercados como CEOs. E como anda a ética em sua vida? Esta é uma pergunta sobre a qual vale a pena refletir.

Boris Hermanson

borish@sp.sebrae.com.br

Tema 2.II: Crise – Redução de despesas

É de conhecimento de todos que a atual crise mundial tem afetado todos os setores da economia, inclusive os relacionados à TI. Alternativas legais para redução de despesas das empresas que não envolvam demissão de empregados. Redução salarial para evitar demissões em tempos de crise. Vemos nos noticiários atuais o aumento do número de demissões em diversos setores produtivos, tudo em decorrência da desaceleração do crescimento de nossa economia. Tendo em vista os custos envolvidos no processo de demissão, bem como a posterior dificuldade em se encontrar mão-de-obra devidamente preparada, consideramos a demissão de empregados para se enfrentar o atual momento de crise é uma medida de alto risco.

O aumento do número de pessoas desempregadas diminuiu-se o tamanho do mercado interno, o que realimenta a própria crise. Dessa forma, apresentamos neste artigo uma alternativa ao processo de demissões, ou seja, a negociação da redução de salários com a respectiva redução da jornada de trabalho. Inicialmente devemos frisar que tal medida é legal, estando prevista na nossa Constituição Federal de 1988, no seu artigo 7º, inciso VI.

Como implantar a redução de salários? A redução de salários em uma empresa somente poderá ser implantada mediante negociação com o Sindicato que represente os empregados de tal empresa, e isto mediante a comprovação das dificuldades pelas quais tal empresa passa.

Quais os limites para a redução de salários? A redução de salários, que deverá ser acompanhada da respectiva redução de jornada na mesma proporção, está limitada a 25%, ou seja, a empresa interessada poderá negociar com o Sindicato de seus empregados a redução de no máximo 25% dos salários

de seus empregados com a respectiva redução de 25% da jornada de trabalho de tais empregados. Além disso, em recente pronunciamento, o Ministério Público Federal do Trabalho, órgão responsável pela fiscalização do cumprimento da legislação trabalhista, considerou que o processo de redução de salários e de jornada de trabalho poderá ter duração superior a 03 meses, podendo ser prorrogada por mais 03 meses mediante nova negociação com o Sindicato. Desta forma, vale à pena a utilização desse procedimento como alternativa à demissão de empregados.

Luiz Antônio de Souza Silva

lussilva@terra.com.br

Tema 2.III: Crise - Proteção e automação

Como anda a proteção do trabalhador em face da automação (artigo 7º, XXVII, da Constituição Federal)?

Muitas pequenas empresas desapareceram nos últimos tempos, impossibilitadas de acompanhar o ritmo frenético de concorrência imposto pelas grandes estruturas mundiais, por sua vez sempre mais gigantescas devido a processos de aquisições, fusões e incorporações que tendem em algum momento, a “tornar o mundo de um dono só”. O Estado, por outro lado, apequenou-se diante dessa ferocidade global, tornando-se (e deixando-nos) refém dos humores do mercado, tanto que não vislumbra melhor saída senão valer-se de incentivos públicos para socorrer as grandes estruturas quando essas sentem (ou procuram) uma gripe ou resfriado. O mundo todo treme diante da possibilidade do caos!

Mundialmente “enxugados” pelo apelo produtivo-tecnológico imposto ao mercado em grande por essas mesmas estruturas (robôs não fazem greve, não reclamam, não tiram licença, não recebem salários, não pagam tributos,...), porção considerável dos empregos que restam, evidentemente, ficam nelas concentrados e a possível dispensa dos empregados se transforma em argumento que conduz a medidas de socorro aos ricos com os recursos que fazem mais falta aos pobres: fazer o que, né?!

O “crescimento sem emprego”, expressão utilizada pela ONU para definir a revolução rumo a um futuro de hipotética riqueza, mas gerador de certeza na escassez de postos de trabalho embalou por anos a afirmação do atual cenário. Há

XII Jornal da Rede GESITI

GESITI



Centro de
Tecnologia da
Informação
Renato Archer

Ministério da
Ciência e Tecnologia



Editado pela Rede GESITI DTSD/CTI criado em 18.fev.2008, +1200 colaboradores

ANO 2 – número XII maio_junho.2009- www.cti.gov.br Brasil

“CTI Informa”: http://www.cti.gov.br/cti_informa/cti_informa.htm

quinze anos (15.09.1993), noticiava a revista VEJA: “mercado de trabalho mais enxuto leva primeiro mundo a pensar em uma sociedade de desempregados... nos Estados Unidos, grandes empresas como a General Motors e a IBM, cortaram 200.000 empregos. Na Europa, a fábrica de computadores Bull acaba de anunciar a supressão de 6.500 postos de trabalho, sob o pretexto de tornar sua produção mais viável. Há hoje na empresa 35.000 trabalhadores, contra 44.000 em 1990. A Aerospatiale colocou na guilhotina 2.500 postos de trabalho, de um total de 9.000. A Volkswagen alemã anunciou que 12.000 empregos desaparecem até o final de 1994...”.

Parece hoje, não? O curioso é que dentre as grandes estruturas que clamam por socorro constam justamente as que mais automatizaram a sua linha de produção ou serviços! As montadoras chegam à índices de automação de 90% em etapas de sua produção. Dentre outros, também os bancos. O espaço destinado aos inovadores caixas eletrônicos encolhe o espaço dos bancários. Nem a hipotética redução de jornada sem diminuição dos salários, constantemente alardeada, ataca um verdadeiro fato gerador dessa pneumonia, pois enquanto a carga tributária sobre o trabalho humano se mantiver elevada e nada se cobrar da automação que a substitui, é óbvio que esse processo de desalojamento tende a se agravar. Aliás, tudo indica que ainda mais com a redução de jornada pura e simples.

A produção tecnológica está elevada e o que falta são consumidores que possam pagar! Não adianta mais oferecer dois ao preço de um para quem já não precisa de nenhum. Por outro lado, existem bilhões de pessoas que precisam de dois, aceitam um, mas não têm para nenhum! Em nosso País, a redução dos postos de trabalho representa drásticas consequências para o caos-Brasil, o custo-Brasil (seguro-desemprego, bolsas-isso, aquilo, etc), fora o impacto no custeio da Previdência, logo, na própria velhice dos que almejam um dia se aposentar...

Atingindo a todos, a crise atual dá sinais de que as grandes estruturas um dia pagarão para poderem estocar a sua enorme quantidade de produtos à espera de milagroso ciclo de consumo que elas próprias cuidam em dificultar. Enfim, se for para demitir “alguém”, que sejam os “robôs” antes do primeiro trabalhador, esse que, se necessário ao argumento, também é o consumidor e o contribuinte! Por oportuno, partilho a pergunta, como anda a proteção do trabalhador em face da automação (artigo 7º, XXVII, da Constituição Federal)?

Luiz Antônio de Souza Silva
lussilva@terra.com.br

Tema 2.IV: Crise - Ciclos de vida

Será/seriam crise e desemprego? Será a automação tecnológica? Seriam furos de gestão? Seria a descoberta de novas inovações que otimizam a produção. Achei bem interessante o ponto de vista do Luiz relacionando a tecnologia, crise e emprego. Gostei bastante do paralelo com a reportagem da veja de 1993. Realmente, se parece muito com hoje, o que me faz lembrar-se dos famosos "ciclos da vida", onde as coisas se repetem de tempos em tempos. Entretanto tenho uma visão um pouco mais otimista com relação a "crise". Acredito que seja um ciclo de renovação que se repete. A tal da "crise", na verdade, serve para abrir os olhos das organizações e das pessoas para o "crescimento desenfreado" e "a qualquer preço". Seria como uma revisão conceitos sobre consumo, gestão e sustentabilidade.

Considero a tal "crise" como uma forma de seleção natural, que serve para "eliminar os genes fracos", fortalecendo os genes da próxima geração. Seja das pessoas que perderam os empregos, seja das empresas que estão quase falindo, seja dos bancos quebrados, seja dos consumidores que compram quaisquer coisas só por comprar ignorando o fator sustentabilidade.

Citando um caso recente aqui do Brasil para exemplificar a minha visão otimista. A Embraer tem (ou tinha) em torno de 20.000 funcionários. Com estes funcionários, no ano de 2008 ela produziu e vendeu em torno de 220 aviões. Já a meta de vendas para 2009 previa 270 aviões. Um crescimento considerável em torno de 20% na produção, com a mesma força produtiva (os 20mil trabalhadores). No entanto, devido a "crise", a Embraer teve de demitir 4000 funcionários, ou seja, ela terá 20% de sua força de trabalho reduzida. Após anunciar a demissão, as metas de produção foram revistas... Agora eles querem produzir 230 aviões em 2009.

Curioso, não? Com 20% a menos de pessoas eles ainda vão produzir pelo menos o mesmo em comparação com o ano anterior. O ponto aqui é: O que será que a "crise" mostrou a Embraer que mesmo com menos pessoas ela pode produzir mais do que antes? Será a automação tecnológica? Seriam furos de gestão? Seria a descoberta de novas inovações que

XII Jornal da Rede GESITI

GESITI



Centro de
Tecnologia da
Informação
Renato Archer

Ministério da
Ciência e Tecnologia



Editado pela Rede GESITI DTSD/CTI criado em 18.fev.2008, +1200 colaboradores

ANO 2 – número XII maio_junho.2009- www.cti.gov.br Brasil

“CTI Informa”: http://www.cti.gov.br/cti_informa/cti_informa.htm

otimizam a produção? Será que a crise não é uma desculpa para a demissão destas 4000 pessoas que de repente a empresa já queria demitir e não sabia como? Ressalto que os números da Embraer são aproximados, apenas para ilustrar a idéia central de gerar mais resultado com menos recursos (aliás, espero que isso seja feito de forma sustentável). Se alguém quiser corrigi-los, sintá-se à vontade.

Eu vejo a crise como um ponto de reflexão e de revisão de conceitos, que serve também para preparar as pessoas e organizações para um novo ciclo aprendido e de crescimento.

Alexandre Aguiar Dedavid
aadedavid@gmail.com

Tema 2.V: Crise - Empregos

Olá Luiz. Não vejo que "demitir" robôs poderiam ser uma solução satisfatória. Coloco dois pontos apenas para considerar:

1) um robô faz o serviço de 10 (ou mais) funcionários. Eliminando o robô, seria necessário contratar esta mesma quantidade de funcionários, o que conseqüentemente afetaria o custo do produto final. O consumidor estaria disposto (ou seja, com dinheiro disponível) para bancar este aumento? O produto não ficaria estocado, sem possibilidade de ser comercializado?

2) um robô corretamente programado, além de fazer o serviço de 10 (ou mais) funcionários, o faz com uma precisão muito grande, reduzindo a margem de erro de um produto e garantindo a sua qualidade. Será que os usuários estariam dispostos a pagar por um produto mais caro e com qualidade inferior ou duvidosa?

Se por um lado se é vislumbrado um problema com a automação, por outro (para equilibrar a balança e trazer uma visão mais completa do problema) ela traz muitas soluções para o benefício social. Tudo, ao que me parece, tem o seu lado bom e não tão bom assim. Geralmente as empresas quando demitem, não é porque acham bonito demitir os funcionários nem somente para manter a margem de lucro, mas por saber que se não se organizar ante um mercado sem demanda, poderá falir e ter que demitir não alguns, mas todos.

Art. 7º São direitos dos trabalhadores urbanos e rurais, além de outros que visem à melhoria de sua condição social: ...
XXVII - proteção em face da automação, na forma da lei...

Seria interessante, então, listarmos as leis brasileiras que dizem respeito à proteção dos trabalhadores urbanos e rurais dos problemas oriundos da automação.

Sidnei Feliciano
sidneifeliciano@yahoo.com.br

Tema 2.VI: Crise - Sobrevivência das empresas

Uma empresa funciona como qualquer organismo vivo. Numa situação de perigo, a reação é preservar os órgãos vitais como aconteceu recentemente com a modelo brasileira Mariana Bridi, que primeiramente teve seus membros amputados na tentativa de preservar a vida: "O corpo faz com que o sangue se concentre nos órgãos vitais – como cérebro e coração – para protegê-los. Assim, as extremidades do corpo sofrem com a falta de circulação. Neste caso, causando a perda das mãos e dos pés" <http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,MUL970777-5598,00.html>

Numa situação de crise a empresa reage da mesma forma. No caso da modelo, o organismo não teve tempo suficiente para a recuperação porque a crise foi muito aguda. Duvido que uma empresa como a Embraer descartaria seus técnicos "vitais" para o processo produtivo. Em contrapartida, empresas que não são ágeis neste processo de preservação correm o risco de "perder o bonde" da história. (Vide exemplos das empresas do leste europeu na época do comunismo).

Carlos A. Purim
purim@LACTEC.ORG.BR

XII Jornal da Rede GESITI

GESITI



Ministério da
Ciência e Tecnologia



Editado pela Rede GESITI DTSD/CTI criado em 18.fev.2008, +1200 colaboradores

ANO 2 – número XII maio_junho.2009- www.cti.gov.br Brasil

“CTI Informa”: http://www.cti.gov.br/cti_informa/cti_informa.htm

Sandro Cantidio

sandro_cantidio@yahoo.com.br

Tema 3.I: Produtividade - Abismo e sobrevivência

Esta “crise” norte-americana separou as empresas brasileiras de formas bem distintas. Acredito que, antes desta crise, quando a produção provocada pelo consumismo estava a todo vapor, era difícil ver qual organização era produtiva e qual não era – todas estavam com a demanda altíssima, pedidos em carteira para 3 meses ou mais, lead time de 30 dias ou mais (claro, dependendo do segmento). Era difícil, portanto, saber qual organização operava com produtividade e qual operava somente com alta produção.

A “crise” serviu para criar um abismo entre elas. O que começou nos EUA no mercado imobiliário de repente virou uma epidemia entre todos os outros segmentos – até mesmo o universitário, haja vista a reportagem do jornal “METRO” dia 27-02-2009. Como já comentei em um artigo que escrevi em meu blog, existem organizações que primavam pela alta produção e que, portanto, são as mais prejudicadas, pois nunca se atentaram em combater seus desperdícios, e existem organizações que primavam pela produtividade e que, portanto, não falam em redução de custos somente, mas sim de combate ao desperdício.

Tiro o chapéu para empresas que diante desta “crise” concentrarão esforços em combater desperdícios através de uma estabilização de seus processos, de uma padronização e, principalmente, através do envolvimento de seus colaboradores. E não tiro o chapéu para organizações que se apequenam diante da “crise”, que primam pelo caminho mais fácil: reduzir custos cortando mão-de-obra sem falar em “vamos cortar nossos gastos”, afinal devemos nos lembrar sempre as palavras de Taiichi Ohno: “o custo de uma empresa é do tamanho de uma semente de ameixa”; ou seja, não é reduzindo mão-de-obra que uma empresa passará a ser economicamente viável, e sim utilizando seus recursos da forma mais inteligente.

Tema 3.II: Produtividade – Desempregados

Caros amigos, o ponto central na discussão não deveria ser “demitir” ou “não demitir” quando o que está em jogo é a evolução das indústrias. O desenvolvimento tecnológico é saudável e irrefreável. O problema central é: o que fazer com os novos desempregados?

Em algumas cidades do Brasil, já houve a discussão a respeito do fim da profissão de frentista nos postos de gasolina. O que fazer com as dezenas de milhares de desempregados? Discutiram a possibilidade dos sindicatos organizarem programas de requalificação profissional, a proposta foi discutida à exaustão. Mas resultou em nada. Certamente o lado social tem de ser levado em conta, numa discussão que envolva o poder público, sindicatos e associações de classe etc. O que não pode ser, minha opinião, é que ocorra o sacrifício da competitividade das empresas para manter os índices de desemprego sob controle.

Certa vez, quando apresentei um projeto de melhoria de produtividade em uma empresa que trabalhei, este projeto levaria ao “corte” de alguns funcionários da linha de montagem. Seria fácil para a empresa cortar estes funcionários (daria uma falsa idéia de redução de custos). Porém, quando elaborei o projeto, tive o cuidado de pensar em apresentar uma “emenda” deste projeto, ou seja, aonde realocaríamos estas pessoas. Como a empresa não possuía pessoas voltadas para o kanban e padronização de embalagens - o que viabilizaria o kanban da montagem, aproveitamos estas pessoas neste processo de padronização. Havia, portanto, apresentado uma solução para evitar o corte destas pessoas.

Mais recentemente apresentei outro projeto na atual empresa, que envolvia ao final das contas a redução de pessoas (redução de processos = redução de pessoas).

XII Jornal da Rede GESITI



Ministério da
Ciência e Tecnologia



Editado pela Rede GESITI DTSD/CTI criado em 18.fev.2008, +1200 colaboradores

ANO 2 – número XII maio_junho.2009- www.cti.gov.br Brasil

“CTI Informa”: http://www.cti.gov.br/cti_informa/cti_informa.htm

Porém, fui muito claro que estas pessoas deveriam ser aproveitadas em postos de trabalho que estavam carentes (aproveitando inclusive o potencial destas pessoas) sob o risco de a fábrica não "comprar" mais nenhuma idéia ou projeto de melhoria (não haveria mais envolvimento dos funcionários); foi outra proposta que deu resultado, pois colocamos estas pessoas para serem treinadas em novas funções, elas se sentiram motivadas e tanto a empresa quanto os funcionários saíram ganhando.

O que eu quero dizer? Que cabe aos homens voltados para os projetos de melhoria pensar em onde encaixar as pessoas que, eventualmente, possam ser dispensáveis em projetos de automação e de melhoria contínua, lembrando sempre que melhoria de produtividade não se traduz em reduzir pessoas e colocar máquinas em seu lugar, e sim em uma gestão adequada de seus recursos.

Forte abraço.

Paulo de Resende
presende@finep.gov.br

Tema 3.III: Produtividade - Apertando os cintos

Prezados colegas, os resultados do desemprego vão muito além do lado social. O principal e o pior de todos é a redução do consumo que o desemprego provoca, mudando o cenário da crise em setores que, aparentemente, ainda não foram afetados, mas serão, com certeza, por falta de consumidores. É preciso ser mais criativo em época de crise. Se houvesse uma flexibilidade maior por parte das entidades de classe, que permitissem a redução de alguns benefícios e de jornada de trabalho, do governo permitindo a redução dos encargos sociais, com certeza teríamos um índice menor de desemprego.

Todos devem apertar os cintos, até mesmo o governo no que diz respeito à arrecadação de tributos. Melhor reduzir ganhos, mas todos ganharem um pouco, do que

impedir o consumo e causar um caos na economia que, além da queda no consumo, a inadimplência provocada pela perda do emprego. Quando todos entenderem que o corte na folha de pagamento não é a melhor solução para crise, teremos criado a habilidade de evitar o caos.

Abraços.

Adm Marlene Carnevali, PMP & RMP
marlene.carnevali@gmail.com

Tema 3.IV: Produtividade - Capacitação

Que tal deixar o discurso de lado e realmente acreditar na educação, ou mais especificamente, na CAPACITAÇÃO como ferramenta de promoção social? Continuamos transferindo ao "sistema" a tutela da ações. Cada indivíduo é um agente do sistema e tem a responsabilidade de se posicionar.

Normann Kalmus
normannkalmus@gmail.com

Tema 3.V: Produtividade - Competência

Prezados: Em algum lugar vi (ouvi?) que as mudanças são complicadas: Tem o apoio dos poucos que vislumbram vantagens futuras, tem a oposição dos muitos beneficiados pela situação atual, e tem a indiferença dos demais. Ouvi diversas vezes também que, se o estupro é inevitável.

Ontem conheci um robot que faz a ordenha, analisa o leite, dá destino e mantém o ambiente higienizado. Chega a "saber" se está na hora da vaca ser ordenhada. O processo substitui dez homens (manual) ou quatro (automática). Quase fiquei com pena dos sistemas automáticos de ordenha.:-)

Creio que a tecnologia avança, inevitavelmente e creio que não existe uma modalidade de emprego que seja perene. Assim, o emprego não acaba, muda de forma,

XII Jornal da Rede GESITI

GESITI



Ministério da
Ciência e Tecnologia



Editado pela Rede GESITI DTSD/CTI criado em 18.fev.2008, +1200 colaboradores

ANO 2 – número XII maio_junho.2009- www.cti.gov.br Brasil

“CTI Informa”: http://www.cti.gov.br/cti_informa/cti_informa.htm

recursos, metodologia, etc. Maior população requer mais produtividade, maior produtividade requer melhor tecnologia, então, a não ser que a população diminua ...

Temos sempre que nos preparar para o emprego de amanhã sem nos apegar ao de ontem.

Garantias trabalhistas??? toda a ação corresponde a uma reação ou: não existe almoço grátis! Quem paga? A garantia é dada pela competência. Quem tem que ser protegido é o cidadão, através da qualificação profissional e como cidadão, propriamente. Conhecer direitos, DEVERES, saber a fonte dos recursos e... Que não existe almoço grátis. O binômio Ética-educação é essencial: em casa, na escola, na Rua..

Vallimj

vallimj@globocom.com

Tema 3.VI: Produtividade - Suspensão Temporária

Suspensão temporária do contrato de trabalho é um procedimento no qual os empregados de determinada empresa tem seu contrato de trabalho suspenso, por um período de 2 a 5 meses, no qual não haverá pagamento de salários. A regulamentação de tal procedimento é encontrada no artigo 476-A da CLT – Consolidação das Leis do Trabalho. Neste período os empregados deverão participar, obrigatoriamente, de curso ou programa de qualificação profissional.

As despesas relacionadas com este curso ou programa correrão por conta da empresa. Durante a suspensão, a empresa poderá, voluntariamente, ou seja, de forma opcional, oferecer aos empregados cujos contratos foram suspensos uma ajuda mensal em dinheiro, que não será considerada salário e sobre a qual não incidirá nenhum encargo social. Durante o período que este empregado estiver freqüentando o curso ou programa de capacitação, ele receberá, além dos benefícios negociados entre a empresa e o seu sindicato, uma bolsa de qualificação profissional, ou seja, uma ajuda financeira igual ao valor do seguro desemprego ao qual

ele teria direito caso fosse demitido sem justa causa. Tal bolsa de qualificação será custeada pelo FAT – Fundo de Amparo ao Trabalhador.

Para implantação da suspensão temporária do contrato de trabalho será necessário a negociação coletiva por parte da empresa com o sindicato que represente os empregados afetados. Além de tal negociação ou acordo coletivo, é exigido ainda que a suspensão temporária dos contratos de trabalho seja submetida à aprovação dos empregados cujos contratos serão suspensos. A aplicação da suspensão temporária do contrato de trabalho não pode ser aplicada mais de uma vez num período de 16 meses. Se o empregado for demitido durante o curso ou programa de capacitação profissional, o mesmo terá direito à regular indenização trabalhista, incluindo o período em que o contrato esteve suspenso, além de multa no valor de 100% da última remuneração mensal anterior à referida suspensão.

Boris

Boris@SEBRAE.org.br

Tema 3.VII: Produtividade - Institucionalização

Normann, concordo com você, cada indivíduo tem poder. Mas estamos falando de um país colossal (o nosso), com milhões de habitantes espalhados em milhões de quilômetros quadrados, e um baixo percentual da população tem acesso à Rede, o que dificulta a realização de ações massificadas partindo de uma única pessoa. Por essa razão, acredito que a realização de ações é mais eficaz quando encabeçada por instituições, e essas instituições devem cooperar para uma solução comum.

"Sistema" é a resultante das ações de cada instituição, que por sua vez são movidas pelos desejos dos indivíduos. Onde cada um de nós está agindo para combater a crise?

Paulo Resende

presende@finep.gov.br

XII Jornal da Rede GESITI

GESITI



**Ministério da
Ciência e Tecnologia**



Editado pela Rede GESITI DTSD/CTI criado em 18.fev.2008, +1200 colaboradores

ANO 2 – número XII maio_junho.2009- www.cti.gov.br Brasil

“CTI Informa”: http://www.cti.gov.br/cti_informa/cti_informa.htm

Tema 4.I: Oportunidade - Crescimento

Amigos e amigas, Neste período de crises e oportunidades um caminho interessante é o da Mondragon (<http://www.mcc.es/>). Cooperativa de trabalhadores fundada em 1956 NUNCA DEIXOU DE CRESCER em 50 anos de existência. Em 2005 era o 9º grupo industrial espanhol. Posse uma centena de empresas industriais, de serviços e financeiras. Tem 65000 cooperados. Tenho certeza que nenhum deles será demitido. Talvez não esteja aí o futuro do modelo de organização empresarial? Um novo modelo sociotécnico capaz de enfrentar com mais flexibilidade as crises e promover o progresso social e econômico com distribuição da renda?

"Alfredo Iarozinski Neto" alfredo.neto@pucpr.br

Tema 4.II: Oportunidade - Desenvolvimento

Desculpe discordar. Os dados de que disponho são desatualizados mas, no primeiro trimestre de 2008 o IBOPE já havia determinado que 41,5 milhões de brasileiros tem acesso à internet (praticamente um quarto da população). Além disso, instalar pontos de acesso públicos é mais fácil do que levar água a esses mesmos lugares. É simplesmente uma questão de estabelecer isso como prioridade.

Claro que acesso à internet não é sinônimo de educação, mas realmente poderíamos aplicar alguns dos bilhões do FAT nessa linha de inclusão social e teríamos como resultado muito mais gente em condições de pensar (eu disse "em condições de"). Infelizmente nossas instituições acadêmicas também estão mais interessadas no "academicismo" no que na aplicação prática do conhecimento.

O governo não funciona como vetor de desenvolvimento, mas poderia pelo menos, estabelecer

as condições para que as entidades públicas ou privadas pudessem desenvolver ações concretas de disseminação de conhecimento, por exemplo, através de EAD. Sei que só isso não funciona porque nossas escolas continuam formando milhões de empregados, a despeito de estarmos em outra estrutura social, na qual o emprego está mais e mais se tornando escasso. Nesse sentido, enquanto as mudanças de infra-estrutura não ocorrem, pelo menos deveríamos ter nossas instituições de ensino reaprendendo a ensinar, investindo em pesquisa aplicada, utilizando novas ferramentas. Não podemos mais aguardar. O mundo é outro e precisamos estabelecer como objetivo que toda nossa população esteja capacitada, mesmo que, por decisão individual, prefira receber o bolsa família ou qualquer outro mecanismo de proteção social. Nada de novo nisso. Domenico de Masi já falou muito a respeito. Abraço

Normann Kalmus
normannkalmus@gmail.com

Tema 4.III: Oportunidade – Novas Tecnologias

Estou chegando à lista por esses dias e tomando pé dos assuntos em discussão. Sobre a questão da crise e emprego desejo comentar: os programas de desenvolvimento técnico-científico não são concebidos para contornar crises, porém, quando bem elaborados, são excelentes para que as sejam evitadas.

Crise e automação nem sempre andam em conjunto. Durante a primeira revolução industrial, nos idos do século 18, os ingleses decidiram em levar adiante os projetos de melhoria tecnológica nos teares, que produziram muito mais com menor contingente humano. Os indianos, parceiros deles na época, discordaram por ter muita mão de obra e que a implementação das novas tecnologias iria trazer grande problema de desemprego. No final, a classe trabalhadora inglesa galgou ganhos econômicos ao ser absorvida pelo setor de serviços.

XII Jornal da Rede GESITI

GESITI



Ministério da
Ciência e Tecnologia



Editado pela Rede GESITI DTSD/CTI criado em 18.fev.2008, +1200 colaboradores

ANO 2 – número XII maio_junho.2009- www.cti.gov.br Brasil

“CTI Informa”: http://www.cti.gov.br/cti_informa/cti_informa.htm

Algo semelhante aconteceu com a mecanização da agricultura. As nações onde foram implementadas práticas produtivas mecanizadas, puderam sair do patamar de pequenos produtores para grandes exportadores de excedente de alimentos. As novas operações agrícolas, como fonte de segurança alimentar, se tornaram obrigatórias inclusive em países socialistas. A China por exemplo, tem um Ministério da Mecanização Agrícola exclusivamente para garantir alimentos para sua população e melhorar as condições de vida das pessoas que vivem na zona rural.

Em nenhum desses casos foi necessária uma crise para se implementar novas tecnologias de produção em massa de forma automatizada. Em sua Terceira Onda, Alvin Tofler já antecipou esses acontecimentos todos que vivenciamos agora em nosso dia-a-dia. Por certo a crise é um motor poderoso para mover certos procedimentos produtivos. A atual crise, além da transcendência que agora muitos especialistas trazem em seus textos, para mim ao menos e de forma bem simplista, nada mais é que a vitória do bom senso sobre a ganância das corporações, a omissão do Estado como agente fiscalizador e a irresponsabilidade de alguns muitos diretores de empresa.

Aloisio Gomes da Silveira
aloisio@tecnopon.com.br

Tema 4.IV: Oportunidade – Confiança

Sou português, tenho vindo a ler os vossos artigos dos quais me tem chamado a atenção por serem da actualidade mundial. Desemprego, nós ca também sofremos a mesma doença. No entanto eu, penso, de que há um aproveitamento de fazer desemprego. e as soluções que se dão, que por acaso são as mesmas em todo o lado.

"Suspende-se o trabalho e o trabalhador vai para cursos de formação - rendimento social." Creio que aqui esta o erro, o dinheiro que se está a gastar em cursos e

rendimentos sociais, que levam a decadência das famílias, devíamos apostar na continuação dos empregos, dar confiança no trabalho, e manter o consumo. Se consumirmos todo volta a rolar, faz falta colocar o dinheiro em movimento e não fechar as torneiras.

Só que os bancos, estão a cobrar muito pelos produtos que nos vende e serviços que nos dão??????. Os seus lucros como são taxados? E os nossos ganhos? claro temos a fatura para pagar! Aqui penso estar o erro. Se os grandes pagarem em grande e os pequenos em pequeno tudo se iguala. e aí sim vai haver desenvolvimento, doutra forma não acredito.

Saudações ao grupo.

José costa

zeamc11@yahoo.com.br

Tema 4.V: Oportunidade – Aplicação prática

Concordo Plenamente com o Normann, sou de universidade e falo com conhecimento de causa. É como você disse "Infelizmente nossas instituições acadêmicas também estão mais interessadas no "academicismo" no que na aplicação prática do conhecimento." Pois o que temos de fomento está ligado a grandes empresas e indústrias que indicam as linhas de pesquisa muito específicas que devem receber recurso. O social sempre fica de fora.

A pesquisa aplicada raramente tem vez. Temos um governo que prefere fazer política e investir em ações (as afirmativas - que se votarem a favor, a universidade deixará de absorver alunos por mérito) que fazem da universidade (a pública especialmente)um espaço de obtenção de votos para manutenção de vias de enriquecimento de políticos corruptos. A universidade caminha a passos de tartaruga em relação ao uso da tecnologia para o seu próprio proveito. Infelizmente os problemas de gestão não diferem em nada da maioria das empresas e organizações brasileiras. E assim vamos

XII Jornal da Rede GESITI

GESITI



Centro de
Tecnologia da
Informação
Renato Archer

Ministério da
Ciência e Tecnologia



Editado pela Rede GESITI DTSD/CTI criado em 18.fev.2008, +1200 colaboradores

ANO 2 – número XII maio_junho.2009- www.cti.gov.br Brasil

“CTI Informa”: http://www.cti.gov.br/cti_informa/cti_informa.htm

utilizando o mínimo do conhecimento tecnológico e científico gerado nas universidades, e deixando de formar e capacitar uma quantidade enorme de trabalhadores que, sem qualificação, recebem de bom grado o peixe que o governo não os ensina a pescar.

Um abraço,

Rosângela Lima

rosangela.lima@gmail.com

Tema 4.VI: Oportunidade – Cultura

Rosângela,

Tenho aula com o Prof. Antônio Cantizani (cadeira de Administração de Projetos) e, recentemente, ele usou 5 aulas para nos falar a respeito do tema abaixo – know-why e know-how e traçou comparações entre o Brasil e as principais nações em termos de pesquisa e desenvolvimento. Ele relatou para nós as dificuldades que temos em realizar pesquisa e desenvolvimento nas indústrias em função dos fatores inibidores da inovação, sejam organizacionais, sociais, culturais, psicossociais e gerenciais.

O Brasil vem de uma cultura do protecionismo, onde não procurou evoluir enquanto o país esteve fechado à tecnologia mundial – lembra-se do Collor chamar nossos carros de carroça? Lembro que haviam modelos lançados no Brasil com 5 anos ou mais de defasagem para o mercado Europeu. Enquanto para nós era lançamento, para eles era sucata. Ele comenta que esta dificuldade de realização de P&D, nas organizações se devem a estes fatores inibidores e pelo fato de que as empresas nacionais apostam no pragmatismo, no esforço pelo resultado, sem procurarem saber o porquê das coisas. Preferem dedicar-se em aperfeiçoar aquilo que fazem sem saber por que fazem, e ainda dizem para nós, que somos inovadores, que é tudo muito bonito no papel porém na prática é outra coisa. Ele aproveita para dizer que as universidades cobram desempenho dos

acadêmicos (e ele não foi o primeiro a dizer isso), que se traduz em quantos artigos foram publicados em publicações nacionais e internacionais, e cada uma tem um peso diferente. Pelo que me lembro, as publicações internacionais tem peso “10”. Então, como em um gráfico de desempenho, quanto mais o professor publicar lá fora, melhor para ele na universidade e, por consequência, melhor para a universidade.

Todos os meus professores da pós falaram sobre esse “indicador de desempenho” e, para piorar o quadro, os artigos têm que retratar uma realidade que existe lá fora, porque se eles redigirem um artigo com a realidade brasileira, ninguém lá fora se interessa porque está limitado somente ao nosso país. Ele ilustrou esta posição dele através de gráficos de artigos do Brasil publicados no exterior e medidos através da Science Citation Index, onde o Brasil publicou perto de 10.000 artigos no final dos anos 90; mostrou também a distribuição institucional da atividade de P&D no mundo e no Brasil, do qual exponho abaixo.

"Sandro Cantidio" sandro_cantidio@yahoo.com.br

Tema 4.VII: Oportunidade – Mercado de Trabalho

José, o mais interessante é que nós sempre falamos em desenvolver competências para sair ou evitar o desemprego - e sou defensor da bandeira de estudar sempre, nunca parar!!! - porém aqui no Brasil a coisa é um tanto complicada. Muitas vezes não adianta desenvolver sua competência - ou estudar - pois o que tem mais peso é a "rede de relacionamentos" ou networking.

Li na reportagem da Revista VOCÊ S.A. (edição brasileira) onde o psicólogo neozelandês Paul Englert (mestre em estatística aplicada e PhD em psicologia) comenta sobre o mercado brasileiro que se baseia muito em relacionamentos. Ele diz que muitas vezes uma pessoa é contratada por causa dos contatos que tem, e não pelo valor que pode agregar à empresa. Como consequência,

XII Jornal da Rede GESITI

GESITI



Centro de
Tecnologia da
Informação
Renato Archer

Ministério da
Ciência e Tecnologia



Editado pela Rede GESITI DTSD/CTI criado em 18.fev.2008, +1200 colaboradores

ANO 2 – número XII maio_junho.2009- www.cti.gov.br Brasil

“CTI Informa”: http://www.cti.gov.br/cti_informa/cti_informa.htm

diz Paul, as pessoas trabalham mais na construção de relacionamentos do que no desenvolvimento de competências.

Engº Sandro Cantidio
sandro_cantidio@yahoo.com.br

Tema 5.I: Trabalho Temporário – Tempo e Ganho

Perante o exposto, não é bem assim, isto tudo está na legislação, mas, na real é muito diferente. Eu, sou trabalhador autônomo, temporário. Já tive de todos os tipos de contratações, assim o exposto aqui é mera legislação e nem sempre atendem. O que ocorre é a necessidade do empregador e do empregado, que negociam um tempo e um ganho, as vezes pode ser registrado, mas, na maioria das vezes isto não acontece.

As vezes o empregador aproveita-se das falhas desta legislação que não é atendida, para burlar o sistema e recolher menos tributos, contratando terceirizados por tempo temporário e na hora do acerto, dá pinote, assim o empregado para poder ganhar tem que recorrer a justiça trabalhista, a qual hoje é muito morosa e hiper lenta, para resolver tal questão que até dois anos atrás era feito em dois meses no máximo. A legislação para o trabalhador temporário tem que ser revista e reformulada, por que foi criada, mas, não houve atualização, assim os trabalhadores é quem pagam caro, por tais falhas desta legislação.

Não é cumprido na realidade, que no Brasil é outra, quando o trabalhador desinformado em sua maioria, caem nas teias do empregador e na maioria das vezes trabalha de graça, por que vem aquilo: - não processe ninguém, se não ficará queimado no mercado. Por este fato, os empregadores ganham em muito e os trabalhadores trabalham de graças e não recebem o combinado, nunca. Não é bem assim, tudo que é teórico no Brasil, não tem a real prática.

Amputam os direitos trabalhistas, que segundo a lei todo trabalhador autônomo, ou temporário com

contrato não registrado tem os mesmos direitos dos trabalhadores registrados, mas a grande maioria brasileira não cumprem isto.

Paulo Luporini Pastore
Engenheiro Mecânico Autônomo desde 1998
pauloluporini@yahoo.com

Tema 5.II: Trabalho Temporário – Manobra política

Mais uma vez venho aqui declarar que não existe crise, o que existe é manobra política. Veja na segunda guerra mundial, os nazistas tinham na mesa uma maquete em como avançar as tropas para poderem ganhar a guerra. Vocês acham que nossos senadores, coronéis, presidentes fazem o que? Justamente, isto. E, lá na Europa não é diferente. No EUA, tudo é movimentação das massas, alguém virá a ganhar algo com mudanças radicais.

A questão de robôs - sou professor em robótica e não acredito no Brasil, por que os robôs não estão sendo empregados, como deveriam, no entanto não existe conceito, não sabem os brasileiros sobre tecnologias, uma minoria que conhecem não se interessa, por que o povo brasileiro não entende evolução tecnológica. O que existe de errado? No Brasil precisam ser reavaliados os conceitos em geral, mas, nossos governantes estão mais preocupados nos ganhos de importação, veja que cada produto importado posse um tipo de arrecadação e sem falarmos na produção nacional em que veículos quem são vendidos o comprador paga altíssimos tributos.

O que existe de errado no Brasil e no mundo, é que a corrupção corre solta e a massa trabalhadora é quem pagam, por que é a parte mais fraca da corda, porém vejam que a lucratividade das grandes empresas, dos bancos, etc. não perdem nunca, sempre ganham. Então o que está errado é a real falta de organização política social econômica no Brasil, mal empregada, estagnada em leis e decretos leis ultrapassados da década de 70,

XII Jornal da Rede GESITI

GESITI



Centro de
Tecnologia da
Informação
Renato Archer

Ministério da
Ciência e Tecnologia



Editado pela Rede GESITI DTSD/CTI criado em 18.fev.2008, +1200 colaboradores

ANO 2 – número XII maio_junho.2009- www.cti.gov.br Brasil

“CTI Informa”: http://www.cti.gov.br/cti_informa/cti_informa.htm

que ainda fazem valer, quando vivemos um novo milênio.

Teria que ressurgir um Getúlio Vargas, para melhorar de novo este país que está entregue a mesmice da década de 70 e o mundo lá fora, passa por transformações que nós brasileiros tentamos entender e estamos igualando ao nosso país, aí está o erro, não somos país de primeiro mundo, somos um país pobre, subdesenvolvido e entregue a marginalidade, basta ver que a violência a cada dia piora em muito, assim estamos na verdade retrocedendo em tecnologias, quando em 1983 eu tinha feito uma pesquisa que o Brasil estava atrasado em relação a Europa um século, hoje com os últimos presidentes que nos atrasaram mais ainda já estamos chegando a casa do segundo século, não está havendo avanço algum, pelo contrário o Brasil retrocede e retrocedeu, quando eu comecei a trabalhar com robótica em 1983, hoje está no mesmo patamar em nada evoluirmos.

Paulo Luporini Pastore

Engenheiro Mecânico

Ex-Professor em Robótica

pauloluporini@yahoo.com

Tema 5. Geral: Massa crítica

Olá colegas de lista e caro Paulo. Não podemos simplesmente "queimar" todo o nosso país por conta de uma crise. Quem vive no Brasil a no mínimo 50 anos, sempre ouviu o termo crise, em no mínimo dois ou três setores produtivos (o agrícola, que convivo mais, nunca saiu dela na opinião de colonos chorões). Estratégias militares até resolvem na guerra, não nessa crise que se mostra diferente de tudo para todos. Até as estratégias militares tem sido ineficientes (Israel, Líbano, Leste Europeu, Iraque, Afeganistão, Somália...).

Rotular o povo brasileiro de ignorante é pesado. Somos sim atrasados, subnutridos e semi-alfabetizados em nossa maioria. Querer interesse em áreas tecnológicas é quase impossível quando se pensa apenas num emprego

para pagar prestação em lojas. Os especialistas em corrupção, fraudes, furtos e roubos estão em esferas de letrados e alfabetizados, em nível de pós-graduação. Essa crise também revela os oportunistas (até tentam chamar de empreendedores) que acreditam na máxima do "quanto pior, melhor". Mas contrariando a sua última colocação, eu vejo sim uma evolução dentro de nossa sociedade.

Aos poucos estamos formando e organizando uma massa crítica que pensa e discute (essa lista apresenta pessoas que tem um bom conhecimento e agora podem compartilhá-los). Na busca por culpados, eu apontaria para a mídia que insiste em deixar o povo ligado em programas cretinos, farsas novelísticas, filtro de notícias (e falam em censura ainda...), apologia ao corpo e a imagem, desenhos animados controversos que auxiliam a formar o caráter das crianças... E não adianta dizer para "mudar o canal". A massa não tem acesso a TV a cabo, internet rápida ou a revistas sérias. Aos professores da lista, e também sou um deles, podemos discutir o interesse dos acadêmicos que na sua maioria ainda querem passar num concurso público e ter estabilidade e não ser empreendedor.

Fauzi"fshubeita"

shubeita@terra.com.br

Tema 5. Geral: Crise e empregos

Caríssimo Prof. Fauzi e demais colegas da lista
Tenho acompanhado com bastante interesse todas as discussões da rede e gostaria de parabenizá-los pelas excelentes contribuições que têm trazido evidenciando a diversidade de enfoques que podem ser dados a um mesmo tema. Em minha também condição de professor, quero compartilhar especialmente com o argumento apresentado pelo Prof. Fauzi, ao finalizar sua mensagem, quando aborda o fato de nossos alunos buscarem o curso superior com a finalidade de se prepararem para serem empregados e não empreendedores!!!

XII Jornal da Rede GESITI

GESITI



Ministério da
Ciência e Tecnologia



Editado pela Rede GESITI DTSD/CTI criado em 18.fev.2008, +1200 colaboradores

ANO 2 – número XII maio_junho.2009- www.cti.gov.br Brasil

“CTI Informa”: http://www.cti.gov.br/cti_informa/cti_informa.htm

No caso específico da universidade na qual trabalho, uma Universidade Pública do Estado do Paraná, e, mais especificamente, no Curso de Graduação em Ciências Contábeis, onde atuo, o histórico das pesquisas que temos desenvolvido para levantar as Expectativas dos Alunos de Ciências Contábeis ao Iniciar o Curso e as Expectativas Profissionais dos Formandos do Curso de Ciências Contábeis, os dados levantados vêm mostrando os mesmos resultados: A grande maioria dos alunos de ciências contábeis escolhe o curso por considerar a profissão rentável e pelo "ótimo" mercado de trabalho. Quando abordados diretamente mencionam a quantidade de vagas que observam nas agências de emprego para aqueles que possuem formação na área, fato este, que segundo eles, os motiva a adentrar para o curso. Os resultados das nossas pesquisas mostram também que (confirmando o argumento do Prof. Fauzi) boa parte dos ingressantes escolhem o curso de Ciências Contábeis objetivando a preparação para Concursos Públicos. Isso porque, como se sabe, a grande maioria do Concursos Públicos, exige uma boa base de conhecimentos contábeis. Até o momento (e já se vão 4 anos de levantamentos - 2005 a 2008) também não tivemos nenhuma resposta de acadêmico afirmando ter escolhido o curso com a intenção de abrir seu próprio negócio, ou seja, ser empreendedor!!!!

Os mesmos resultados aparecem nos dados que levantamos nas pesquisas sobre as Expectativas Profissionais dos formandos em Ciências Contábeis cuja intenção, em sua maioria, é serem empregados de empresas privadas ou públicas.

Assim, se constata, que infelizmente, também na nossa área de Contabilidade, profissionais que, apesar de terem todas as "condições" para serem empreendedores, almejam somente ser empregados. Confirma-se aí o oportuno argumento do Prof. Fauze na mensagem anterior.

A razão disso? Talvez tenhamos que refletir sobre "o que é ser empreendedor?", ou "o que leva o profissional a ser um empreendedor?", ou ainda "existe a possibilidade de se formar um empreendedor?" ou "o ser empreendedor é inerente a algumas pessoas?" e "habilidade de empreender não se ensina?"

Nelma T Zubek Valente

nzubekvalente@yahoo.com.br

Pesquisadora do Departamento de Contabilidade da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Membro da Equipe de Colaboradores e Pesquisadores do TECSI - Laboratório de Tecnologia e Sistemas de Informação da FEA/USP - nzubek@usp.br

>>> Prezado Sandro et alli,

Explicar tantas nuances existentes nesta questão, desejo antes passar meu percurso pessoal para facilitar o entendimento de certos aspectos do que vc muito bem coloca. Tive a oportunidade de fazer o curso da FEA/USP liderado pelo Prof. Jacques Marcovitch chamado PACTo que me introduziu o trabalho do Abraham Henry Maslow entre outros aspectos muito pertinentes sobre a constituição de grupos de P & D dentro do âmbito científico qto tecnológico público ou privado.

Qdo me formei fui trabalhar como cientista numa instituição pública. Fazíamos um trabalho de transferência de tecnologia e assim um grupo multidisciplinar foi criado onde acabei tendo uma formação transversal com foco em psicologia, engenharia, relações públicas, biologia e administração (de pessoas e do departamento). Nosso grupo atuava com outros centros de pesquisa, universidades, ABNT, OCDE, INMETRO, ISOP / FGV e etc

Minha segunda oportunidade profissional foi numa empresa brasileira. Decidi sair do meio acadêmico qdo o governo reduziu nossas verbas e alguns colegas começaram a ter dois paletós. A empresa brasileira e familiar foi uma boa experiência pessoal. A empresa mantinha projetos com bons grupos de pesquisa e assim

XII Jornal da Rede GESITI

GESITI



**Ministério da
Ciência e Tecnologia**



Editado pela Rede GESITI DTSD/CTI criado em 18.fev.2008, +1200 colaboradores

ANO 2 – número XII maio_junho.2009- www.cti.gov.br **Brasil**

“CTI Informa”: http://www.cti.gov.br/cti_informa/cti_informa.htm

tinha grande diferencial tecnológico diante da concorrência, além de agregar valor em seus produtos. Minha terceira oportunidade profissional foi numa multinacional. Havia um desafio que não podia ser deixado de lado. Construir um centro de P & D no país que seria referência na matriz na Europa. Participamos do desenvolvimento da Engenharia Experimental que pode contribuir com a formação de inúmeros técnicos e engenheiros para o setor de testes de engenharia.

Por fim e nestes últimos 22 anos completos em fevereiro passado, constituí minha própria empresa de produtos tecnológicos. Outra experiência rica na orientação de alunos de pós graduação (mestrandos e doutorandos) onde pude observar o grande vazio existente entre a universidade e o setor produtivo.

Concordo assim com muito do que vc apresenta como problemas para o setor de P & D nas empresas. Nossa engenharia passa por profunda crise existencial desde que passamos a ser apenas o mantenedor de tecnologias exóticas. Outros aspectos transcendentais se somam aos que muito bem podem ser identificados.

Existe uma grande distância entre ciência e cientificismo. Reunimos no país grupos consolidados de excelência, e temos todas as condições de traçar políticas para melhorar as condições de P & D tanto nas empresas qto em institutos de pesquisa. De uma forma geral, as fontes de recurso dos fundos (FUNAT, FUNCET, etc) para a finalidade, são usados como capital de giro para grandes corporações que tem bom relacionamento com o governo. Existem recursos para desenvolver produtos ou melhorá-los. Não é suficiente qdo vemos que para produzi-lo teremos que enfrentar uma carga tributária desigual com as praticadas pelos países do exterior, entre outros entraves burocráticos ou advindos da legislação trabalhista.

Como podemos ver, um assunto muito vasto.

"Aloisio Gomes da Silveira"
aloisio@tecnopon.com.br

>>> Prezado Sandro,

Ser um professor produtivo na universidade, DE, com doutorado...etc,não se relaciona a atividades ensino e à interação com a comunidade externa(extensão - social)ou interna. Estas atividades citadas não são pontuadas no mesmo nível que publicar em congressos e revistas nacionais e internacionais. O entorno da universidade, onde ela se insere, e a comunidade universitária pouco se vale da inteligência gerada no seu interior. Não se avalia sistematicamente as atividades docentes e administrativas e se continua a produzir o modelo derepasse de conteúdos dentro de sala de aula como a séculos atrás. A nossa sala de aula não se renova pois a relação professor-aluno não é o foco da aprendizagem, apesar das NTIC(s) (novas tecnologias de informação e comunicação). Nós professores preocupados em galgar os níveis da carreira não temos tempo e energia para cuidar também de outras atividades "menos importantes". Penso que como as organizações e empresas que se preocupam com o desperdício, aquelas que buscam a sustentabilidade ecológica, as universidades deveriam pensar no desperdício de inteligência que se produz quando não direcionam as suas energias ao que é mais caro para a nossa sociedade que são os jovens buscando formação e os adultos que procuram uma formação continuada. Sobre essas perdas de produtividade estou lendo um livro interessante que gostaria de indicar que trata da eliminação do desperdício - a lógica do pensamento enxuto (teoria de Ohno): Capitalismo natural: criando a próxima revolução industrial de Paul Hawken, Amory Lovins e L. Hunter Lovins.

Rosângela
lima@dcc.ic.uff.br

>>> Caro Fauzi

Não sei qual seja o seu nível social neste país, mas, conheço muita gente que está na miséria total, não tem o que comer e vemos jogadores de futebol ganhando milhões de dólares. Assim, dizer é fácil viver a realidade

XII Jornal da Rede GESITI

GESITI



Ministério da
Ciência e Tecnologia



Editado pela Rede GESITI DTSD/CTI criado em 18.fev.2008, +1200 colaboradores

ANO 2 – número XII maio_junho.2009- www.cti.gov.br Brasil

“CTI Informa”: http://www.cti.gov.br/cti_informa/cti_informa.htm

brasileira e pensar que existe evolução não concordo, por que eu sou especialista numa área de importância capital para o país, mas, por outro lado eu vejo o povo, que em sua maioria não possuem assistência médica, não possuem condições de sobrevivência, não possuem condições de poderem estudar, etc.

Assim, o correto antes de tentar algo de inovador nas grandes universidades é divulgar que o povo abastado precisa ir nas favelas, não digo no Rio de Janeiro, em qualquer cidade hoje brasileira ainda existe favelas e conversar com o povo pobre marginalizado, para ver o que eles precisam, aí nós poderemos um dia voltar a falar de evolução tecnológica, que só existe dentro das universidades e das grandes empresas, por que as pequenas tendem a fecharem por que a carga tributária do governo incidente já está causando crise para as pequenas empresas, como sempre foi e isto também não é novidade.

Já por outro lado, no campo das empresas industriais, privadas e governamentais o dinheiro corre solto, neste prisma não existe pobreza, lógico os que detém poder possuem o controle, assim não sei se voce estaria engajado dentro de algumas destas empresas da educação, das indústrias!

Eu já participei do Projeto Rondon, em janeiro de 1981 no interior da Bahia, em Mirangaba, sabe o que vi lá: nada, eles não possuem nada, não tem ferro elétrico, não possuem chuveiro elétrico, não possuem nada, creio que até hoje não possuem nada, isto é de uma das milhares de cidades brasileiras que pude conhecer. Agora, imagine o resto, que não são poucas, são milhares e nossos governantes não fazem nada.

Tem um conhecido de Salvador, veja capital da Bahia, que disse que nos dias de carnaval não podia sair de casa, tamanho o número de assaltos em plena luz do dia.

Sr. Fauzi, desculpe-me a modéstia parte, mas, eu convivo com pessoas de nível pobre, por que eu sou uma pessoa modesta, simples e não me escondo atrás

de uma peneira para disfarçar e pensar que o Brasil seja um país em passos para o engrandecimento.

Enquanto não houver a devida conscientização brasileira da real realidade, nós ainda vamos ver muitas mudanças, assim esta questão de crise existe desde 1983, nunca foi diferente.

Os que dizem existir uma crise agora diferente, eu dou risadas, por que para mim e muitos outros brasileiros é apenas mais uma, que escondem a dinheirama que lá em Brasília continua a correr solta e o povo pobre é quem paga, os trabalhadores são demitidos e fazem eles acreditarem que existe uma crise, isto não é novidade.

Acho que vou parar de escrever, por que este papo não vai levar a lugar nenhum, enquanto houver dominio de uma grande minoria rica, sobre a grande maioria pobre, se ninguém se mexer tudo continuará dando em pizza.

Paulo Luporini

pauloluporini@yahoo.com

Tema 5. Geral: Mão de obra temporária.

O que é mão de Obra Temporária?

Prezado Paulo, muito bom seu questionamento. Vale informar que o objetivo de comentar a lei é exatamente levar seu conhecimento para que todos possam gozar plenamente suas cidadanias. O fato é que, no ano de 2088, de janeiro até novembro, foram distribuídas no Brasil cerca de 1.647.447 reclamações trabalhistas, motivadas, em sua maioria, pelo descumprimento da lei por parte dos empregadores (dados do Tribunal Superior do Trabalho - site: www.tst.gov.br).

Desta forma é essencial conhecer a lei, pois somente através desse conhecimento o cidadão poderá solicitar junto aos órgãos do poder judiciário a reparação por direitos desrespeitados.

No mundo jurídico, como em todos os demais campos da vida humana, cada ação provoca uma reação. Assim, uma vez que seu direito não for respeitado, caberá o pedido de reparação para os órgãos competentes,

XII Jornal da Rede GESITI



Ministério da
Ciência e Tecnologia



Editado pela Rede GESITI DTSD/CTI criado em 18.fev.2008, +1200 colaboradores

ANO 2 – número XII maio_junho.2009- www.cti.gov.br Brasil

“CTI Informa”: http://www.cti.gov.br/cti_informa/cti_informa.htm

no caso em tela, para a Justiça do Trabalho.

BORIS HERMANSON

borish@sp.sebrae.com.br

Luiz Antonio escreveu:

“...Nos dizeres de Betinho: “A tecnologia moderna é capaz de realizar a produção sem emprego. O diabo é que a economia moderna não consegue inventar o consumo sem salário”.

A título de discussão:

1) será que o cenário mundialmente insensato e agonizante, donde dele também se extrai o contraste entre fenomenal capacidade produtivo-tecnológico com índices igualmente fenomenais de desemprego, não parece propício ao aprofundamento de estudos visando medidas para um possível ponto de equilíbrio entre automação e proteção do trabalhador em face de seus efeitos, objeto de abrigo constitucional?

2) será que a redução da elevada carga tributária incidente sobre o trabalho humano, transferindo-a na mesma proporção para a automação poupadora de mão-de-obra, não seria uma proposição razoável para o aprofundamento de estudos visando a medidas para um possível ponto de equilíbrio entre automação e proteção do trabalhador em face de seus efeitos?

Luiz Antônio de Souza Silva

>>>Olás colegas e caro Paulo

Gostei da sua abordagem e dos demais colegas, pois a questão esta evoluindo na discussão. Bem, sou mestre em ciência da computação e professor de ensino superior e técnico a 12 anos na região Noroeste do Rio Grande do Sul, Três de Maio. O município tem 26000 habitantes, Nossa região é essencialmente agrícola, possui algumas industrias, comércio e serviços mas com alto índice de escolaridade e uma renda per capita expressiva. Mas temos sim os bolsões de pessoas pobres como em qualquer outro local.

Mas vou tentar colocar uma solução para o desemprego local que encontramos usando velhas fórmulas, no caso através de uma parceria com uma multinacional localizada na cidade de Horizontina (terra da Gisele B.)a 18 km daqui,

O projeto é simples: Nosso curso de Sistemas de Informação fez um processo mente com a empresa. Foram selecionados 5 com o objetivo de ficar 1 ano dentro da empresa e 1 ano dentro da faculdade (não somos universidade).

O 1º ano serviu para eles conhecerem a empresa e em especial um setor dentro do Depto. de S.I. ao qual iam terciarizar serviços. No 2º ano ficaram na nossa instituição montando a empresa incubadora.

Resumo: 3 acadêmicos iniciaram a empresa. Com 4,5 anos de existência já possui 48 funcionários dedicados a desenvolvimento e suporte em soluções de T.I. A maioria dos funcionários é estudante ou ex-estudante da instituição.

<http://www.migratecompany.com.br>

Nesse mesmo projeto já surgiram outras 2 pequenas empresas locais mas a parceria acabou a 2 anos. De outra forma, temos mais empresas que se constituíram em municípios vizinhos e solucionaram em parte uma demanda reprimida por bons produtos e prodiissionais em T.I. além de forçar a faculdade a sempre inovar na sua condição de educação.

Fauzi

"fshubeita" shubeita@terra.com.br

Prezados,

Tenho algumas questões relativas ao ponto de vista externado que gostaria de compartilhar:

1. Se "ser um professor produtivo" não se "relaciona à interação com a comunidade" - e evidentemente eu não estou pretendendo incluir nessa interação o chopp no bar ou o churrasquinho, não lhe parece que passar a incluir a interação seria uma boa maneira de divulgar o conhecimento?

XII Jornal da Rede GESITI

GESITI



Centro de
Tecnologia da
Informação
Renato Archer

Ministério da
Ciência e Tecnologia



Editado pela Rede GESITI DTSD/CTI criado em 18.fev.2008, +1200 colaboradores

ANO 2 – número XII maio_junho.2009- www.cti.gov.br **Brasil**

“CTI Informa”: http://www.cti.gov.br/cti_informa/cti_informa.htm

2. Se o "entorno da universidade...pouco se vale da inteligência gerada em seu interior", não poderia ser em função do distanciamento da academia em relação ao entorno ou, até mesmo, do desconhecimento mútuo gerado por esse distanciamento?

3. Em países ditos "desenvolvidos", a universidade produz conhecimento aplicado às necessidades da comunidade e em função de sua aplicabilidade, obtém dela os recursos necessários, num processo claramente meritocrático. Por que razão esse mecanismo não repete no Brasil onde escasseiam os recursos financeiros e as melhores inteligências costumam migrar em busca de melhor remuneração?

Abraço Normann

Prezado Normann,

1. Se "ser um professor produtivo" não se "relaciona à interação com a comunidade" - e evidentemente eu não estou pretendendo incluir nessa interação o chopp no bar ou o churrasquinho, não lhe parece que passar a incluir a interação seria uma boa maneira de divulgar o conhecimento?

A interação a que me refiro é aquela que surge a partir do diálogo entre alunos e professores sobre os conteúdos ministrados, o que também pode incluir, e por que não "o chopp no bar ou o churrasquinho" a título de melhorar a comunicação. A questão que discuto está relacionada ao modo como se dá essa relação e à pouca importância que lhe é dada pelos gestores da universidade. O que acontece de modo geral é a transmissão de conteúdos, numa metodologia assentada sobre as bases da linearidade e do pré-determinado. É preciso ter a noção da complexidade do mundo real, e para tanto é preciso pensá-la como um espaço de valorização da relação professor-aluno integrantes de um processo dinâmico e interativo - característico da construção do conhecimento (que compreende um ciclo de transformação de conhecimentos tácitos em explícitos e vice-versa) Segundo Pedro Demo no seu livro Desafios modernos da

educação – " A vida acadêmica não pode definir-se pela assistência cumulativa de aulas, mas pela habilidade de dominar a instrumentação científica com vistas à autonomia construtiva. Assim, não se vai para a universidade apenas para aprender cumulativamente matéria; vai-se fazer ciência".

É preciso que se perceba a universidade como um sistema, como uma organização viva e complexa como uma rede de relações que integre os seus componentes para um objetivo comum que é a construção do conhecimento significativo.

2. Se o "entorno da universidade...pouco se vale da inteligência gerada em seu interior", não poderia ser em função do distanciamento da academia em relação ao entorno ou, até mesmo, do desconhecimento mútuo gerado por esse distanciamento?

O distanciamento é fato histórico. Mas existem muitos fatores que contribuem para a sua permanência. Como mencionado a falta de incentivo (pontuação para ascender à carreira) é um dos fatores que limita a atuação em atividades de extensão, pois são estas que caracterizam a interação com o entorno da universidade. A falta de investimento dos órgãos de fomento nas áreas não tecnológicas ajudam muito nesse distanciamento, pois são essas as áreas que atuam mais junto à comunidade. Ainda poderíamos citar muitos outros fatores.

3. Em países ditos "desenvolvidos", a universidade produz conhecimento aplicado às necessidades da comunidade e em função de sua aplicabilidade, obtém dela os recursos necessários, num processo claramente meritocrático. Por que razão esse mecanismo não repete no Brasil onde escasseiam os recursos financeiros e as melhores inteligências costumam migrar em busca de melhor remuneração?

Essa é uma discussão complexa que não me sinto competente para discutir, mas posso dar um pitaco. Apesar de ainda não estarmos no Brasil colônia ainda vivemos como se estivéssemos nela. O Brasil olha pra fora, serve aos de fora e produz para os de fora. Afinal

XII Jornal da Rede GESITI

GESITI



Centro de
Tecnologia da
Informação
Renato Archer

Ministério da
Ciência e Tecnologia



Editado pela Rede GESITI DTSD/CTI criado em 18.fev.2008, +1200 colaboradores

ANO 2 – número XII maio_junho.2009- www.cti.gov.br **Brasil**

"CTI Informa": http://www.cti.gov.br/cti_informa/cti_informa.htm

somos ou não somos o país das "commodities" . Vamos ver se o quadro muda com o Pré-sal..Quem sabe???

Já dizia a educadora Marilena Chauí "A universidade pública deixará de ser um bolsão de exclusões sociais e culturais quando o acesso a ela estiver assegurado pela qualidade e pelo nível dos outros graus do ensino público".

Rosângela Lima

"rosangelalopeslima" rosangela.lima@gmail.com

Editora colaboradora: Ana Cristina Limongi-França,
profa. dra. Universidade de São Paulo.
NEP_FEAUSP de Gestão da Qualidade de Vida no
Trabalho. SP 01.05.2009

XII Jornal da Rede GESITI

GESITI



Ministério da
Ciência e Tecnologia



Editado pela Rede GESITI DTSD/CTI criado em 18.fev.2008, +1200 colaboradores

ANO 2 – número XII maio_junho.2009- www.cti.gov.br Brasil

“CTI Informa”: http://www.cti.gov.br/cti_informa/cti_informa.htm

COLABORADORES INSTITUCIONAIS.



http://mundoacademico.unb.br/conteudos/pesquisa.php?pesqP_02=GESITI

Ciencia y Técnica Administrativa



<http://www.cyta.com.ar/boletines/gesiti.htm>

Universidade Federal de Santa Catarina



<http://www.egc.ufsc.br/>



<http://www.extecamp.unicamp.br/>



<http://www.uepg.br/>



http://www.itportal.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=229&Itemid=9

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS



http://www.nit.ufscar.br/index.php?option=com_content&view=article&id=72&Itemid=76



Centro de Diseño, Producción y
Evaluación de Recursos Multimediales
para el Aprendizaje

<http://www.cediproe.org.ar/>



COORDENADORIA DE ASSISTÊNCIA
TÉCNICA INTEGRAL

<http://www.cati.sp.gov.br>



<http://www.edumed.net/>

GESITI



Ministério da
Ciência e Tecnologia



<http://br.groups.yahoo.com/group/GESITIS/>

www.cti.gov.br

www.mct.gov.br